

## “WHAT ARE YOU DOING?”: Visibilidade e Modos de Ser em Microblogs<sup>1</sup>

Saulo Tavares da Mota<sup>2</sup>

### Resumo

Componente fundamental das atuais tecnologias da informação e da comunicação, os microblogs atualmente manifestam produção, ampliação e consolidação de novas maneiras de ser, comunicar, relacionar, ver, ser visto e fazer ver. Esse estudo estabelece uma compreensão de políticas de visibilidade e de processos de subjetivação implicados no uso dos microblogs a partir do serviço de microblogging Twitter. O Twitter é uma ferramenta de interação social que não pode ser entendido dentro de um processo natural de desenvolvimento humano, científico e tecnológico, enquanto tal ele é uma ferramenta que estabelece possibilidades e condições singulares e objetivas de comunicação.

### Palavras-chave

Microblogs; Twitter; Visibilidade; Modos de Ser.

### Introdução

Ao longo do tempo, a humanidade vem mudando e/ou conservando seus hábitos e maneiras de ser, comunicar e relacionar de formas singulares. Muitos desses hábitos são mudados e/ou conservados devido, dentre outros fatores, à configuração e à estrutura tecnológica de cada época, de tal forma que as mudanças tecnológicas surgidas a partir de cada sociedade condicionam suas dinâmicas e possibilitam novas opções culturais e sociais. (LÉVY, 1999).

Sob tal ótica, este estudo estabelece uma compreensão de algumas implicações do uso de microblogs nas maneiras de ser e habitar a contemporaneidade, a partir de uma aproximação do desenvolvimento de tais ferramentas de comunicação, desde a criação dos blogs. Neste percurso são enfocadas as políticas de visibilidade (expressadas nas práticas de ver, ser visto e fazer ver) e maneiras de existir e/ou modos de viver.

Assim, tratou-se de explorar articulações entre ferramentas, estratégias e equipamentos que permitem visibilidades e produção de maneiras de ser e se relacionar; recursos e formas

---

<sup>1</sup> Artigo científico apresentado ao eixo temático “Entretenimento, práticas socioculturais e subjetividade”, do III Simpósio Nacional da ABCiber.

<sup>2</sup> Graduação em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, campus Poços de Caldas, a partir da qual inicio seus estudos sobre tecnologias da comunicação e informação e produção de subjetividade, trabalhando o tema em sua monografia. Atualmente pesquisa redes sociais, processos de subjetivação, visibilidade e participação na rede. saulo.psico@yahoo.com.br

de se relacionar e comunicar viabilizados pelos blogs e microblogs; e gestões de espaço e tempo implicadas no uso de tais instrumentos.

Enquanto tal, este estudo não se pretende conclusivo, mas, ao contrário, proponente de debates ainda em vias de se consolidar, configurando assim uma ferramenta contribuinte para aproximações e compreensões acerca dos fenômenos, estruturas, estratégias e tecnologias que constituem, possibilitam e condicionam as formas de viver contemporâneas.

### **De Weblogs a Microblogs**

Componentes fundamentais das atuais tecnologias da informação e da comunicação (TIC), os blogs oferecem um espaço único de relacionamento, e podem ser entendidos como uma das mais importantes ferramentas tecnológicas constituintes e condicionantes de novas maneiras de ser e habitar a contemporaneidade.

Tendo seu início na década de 1990, os blogs surgem através da iniciativa de internautas, em publicar sites com conteúdos de caráter pessoal. (MÁXIMO, 2006). Neste período, dentre os *link-driven's* (sites que ficaram conhecidos pelo registro diário de links sobre os conteúdos encontrados durante suas navegações pela Web), é inaugurada uma nova forma de publicação, onde os conteúdos se referiam a cenas do cotidiano, abordando assuntos geralmente considerados “íntimos”, como brigas, relações sexuais, doenças contraídas, etc. Em 1997, já se dispunha de um número considerável de *link-driven's* e sites que privilegiavam cenas, pensamentos e memórias cotidianas, sendo que no final deste mesmo ano, o norte-americano John Bangers, editor de um *link-driven*, utilizou pela primeira vez o termo *weblog* (diário de rede) para designar sites que privilegiavam experiências pessoais, que estavam relacionados à navegações na web e/ou que destacavam fatos corriqueiros da vida cotidiana; em pouco tempo a expressão se popularizou e ficou conhecida simplesmente como blog. (MÁXIMO, 2006).

Atualmente, pode-se dizer que o número de blogs na internet ultrapassa a casa dos cinquenta milhões e os seus conteúdos variam infinitamente sustentando múltiplas visões de mundo, produzindo revoluções, informações, abrigando tribos, discussões, e articulando serviços e estratégias político-econômicas, etc. (MÁXIMO, 2006). Se sua gênese foi calcada na publicação de vida “pessoal”, hoje é possível (re)conhecer todo tipo de conteúdo narrado das mais inusitadas maneiras, produzindo e expressando maneiras de ser, comunicar e relacionar. Neste sentido, Bruno (2008) aponta modos de produção de condutas e ações,

constituintes dessas TICs, que se caracterizam por publicações de simulações que visam por um lado a redução de riscos relativos a publicidade, saúde, segurança, etc., e por outro a ação sobre o campo de ações e escolhas possíveis dos sujeitos, através de incitação e/ou inibição de comportamentos (publicações relacionados a moda, estética corporal, hábitos alimentares, salutar, publicitários, etc.).

Quanto à expressão de modos singulares de ser e se relacionar, pode-se destacar os *Otakus*, grupo de pessoas que se interessam e tem prazer em compartilhar informações, produtos, experiências da cultura japonesa, colecionando e coletando revistas em quadrinhos (*mangás*), filmes, vestuário, dentre outros, acerca desta cultura. (LEMOS, 2002). Ou ainda os blogs pró-ana e pró-mia, por exemplo, cujo conteúdo diz respeito a narrativas de pessoas que defendem a anorexia e a bulimia nervosas como ‘estilo de vida’. (MEDINA, 2008). Medina (2008) ressalta que a rede pró-ana e pró-mia é composta ainda por comunidades no site de relacionamentos *Orkut*, listas de e-mails e pelo programa de mensagens instantâneas *MSN*. Afirmando que é através da tela que os usuários se sentem pertencentes a um grupo social, a autora destaca narrativas de algumas meninas que declararam não possuir amigos na ‘realidade’, e que afirmam ainda remeterem sua confiança somente a suas amigas virtuais, já que nesta relação estão livres de julgamentos ou preconceitos. (MEDINA, 2008).

Os blogs possibilitam ainda, formas de se relacionar marcadas pela possibilidade de conexão livre de barreiras geográficas entre pessoas com interesses em comum, que realizam trocas e interações singulares. O encontro entre as pessoas se apresenta como um entrelaçamento de interesses em comum que funcionam como nós em uma grande rede, onde não se encontra um centro, e onde se pode encontrar múltiplas entradas e saídas - por onde é possível inclusive entrar e sair a qualquer momento. Além disso, os blogs permitem a conexão de múltiplos elementos (concepções, signos, etc.) de diversas naturezas uns aos outros sem a necessidade de regimes hierárquicos, seletivos, lineares ou de segregação, e onde é possível a constante participação de seus membros na moldagem e construção de si e seu mundo. (MÁXIMO, 2006).

Os conjuntos de recursos oferecidos pelas ferramentas ou meios de comunicação condicionam também, por si sós, a própria prática, ou seja, os modos de ser e relacionar, já que, como ressalta Máximo (2006), os meios de comunicação “constituem as formas comunicativas tanto quanto determinam o conteúdo das mensagens.” (MÁXIMO, 2006. p.105). Através dos blogs é possível estabelecer novas dinâmicas de relação e gestão entre o tempo (possibilidade de se conectar e desconectar instantaneamente) e o espaço (possibilidade

de se conectar e relacionar independentemente do local geográfico de ocupação, com múltiplas possibilidades de ver, ser visto e fazer ver), transformando a relação entre o público e o privado, e configurando assim novas políticas de visibilidade, ou seja, ver, ser visto e fazer ver.

Assim, os blogs configuram novas relações entre público e privado, pois disponibilizam aos usuários recursos que lhes permitem uma ‘gestão’ dos elementos que lhes interessam ser públicos, para criar e configurar a maneira como querem ser vistos pelo outro (imagens, texto, sons), para que, mantendo-se no anonimato, conservem a privacidade daqueles elementos que não querem mostrar. (MEDINA, 2008). “Esse ‘mostrar e ver’ estabelece uma forma de ligação social, um modo de pertencimento efêmero, flutuante, empático e tribal que vai configurar a visão de si e a identificação do outro”. (LE MOS, 2008, p. 60).

Se tais características permitem aos blogs (re)configurar formas de ser, comunicar e relacionar, em outro registro, apresentando novas roupagens, e interferindo na relação e gestão do espaço e do tempo, os microblogs são TIC’s que atualmente manifestam produção, ampliação e consolidação de novas maneiras de ser, comunicar, ver e ser visto. Sendo um formato de publicação de conteúdos que reúne características dos blogs e redes sociais, os microblogs se assemelham aos blogs por sua possibilidade de publicação instantânea de textos, e por serem pessoais (o autor pode imprimir um estilo de redação que o diferencie dos outros usuários); contudo se diferem destes pela alta frequência de atualizações, que se configura em alguns casos como uma narrativa ‘minuto-a-minuto’, e pela limitação do conteúdo de publicação, sendo este reduzido a unicamente 140 caracteres por mensagem (enquanto as publicações em blogs são de extensão livre). (TRÄSEL, 2008). Sua interface permite a publicação da foto de identificação do usuário (inferior às dimensões de fotos 3x4), uma imagem no plano de fundo e o espaço de 140 caracteres para a ‘livre’ expressão escrita, sendo possível ainda realizar atualizações através de equipamentos móveis, como o aparelho celular.<sup>3</sup>

“A atividade de manter um microblog é conhecida como *microblogging*”, sendo que atualmente se dispõe de diversos serviços gratuitos que possibilitam tal tarefa. (TRÄSEL, 2008: p. 2). Dentre eles o principal em termos de reconhecimento e número de usuários - e eleito aqui para a realização da análise pretendida - é o *Twitter*. (TRÄSEL, 2008).

---

<sup>3</sup> [www.twitter.com](http://www.twitter.com)

Lançado em 2006 pela empresa *Obvious*, o Twitter, que tem como símbolo um pássaro, oferece um serviço de atualização contínua e instantânea de mensagens de até 140 caracteres, sob diversas vias inclusive pelo celular, sendo estas conhecidas como *tweets* ou *piados*. Tendo em seu domínio a frase convidativa *What are you doing?* (O que você está fazendo?), o Twitter oferece ainda um cadastro onde as atualizações de um determinado usuário podem ser abertamente visualizadas e compartilhadas por todos os outros usuários, ou por apenas aqueles que sejam aprovados pelo proprietário do cadastro. (TRÄSEL, 2008).

### **Piados na Era da Convergência**

Articulados a outros serviços e recursos, e componentes das TICs que permitem a produção de informação de todos para todos, os microblogs possibilitam novas políticas de visibilidade e o contato contínuo com o outro através de apropriações da ‘superfície’, ou seja, da escrita e leitura veloz de práticas, acontecimentos e espaços, “uma experiência, ao mesmo tempo, social e estética.” (LEMOS, 2008, p.52). Através das mensagens de formato reduzido, constantes, com alta frequência, rasas e velozes, pode-se ver, ser visto e fazer ver a partir de praticamente qualquer lugar, já que tal formato facilita a integração com outras ferramentas digitais como o celular, smartphone, PDA, laptop, iPhone, dentre outros. (ZAGO, 2008).

Essa ampla gama de recursos para conectividade, na qual um único usuário tem múltiplas ferramentas à disposição para produzir e obter ‘visão’, possibilita modos de ser contemporâneos pautados em uma cultura assentada em novos paradigmas de comunicação. Para Jenkins (2008), tal cultura, intitulada cultura da convergência, manifesta um deslocamento da transmissão de conteúdos midiáticos específicos, de um para vários, para um conteúdo que flui por vários canais, configurando uma elevada interdependência de sistemas de comunicação e possibilitando múltiplos modos de acesso e produção de conteúdos midiáticos, de tal maneira a deixar mais complexas as relações entre a mídia corporativa, de cima para baixo, e a cultura participativa, de baixo para cima. Para o autor as idéias que se espalham de cima para baixo começam na mídia comercial e depois são adotadas e apropriadas por uma série de públicos diferentes, na medida em que se espalham por toda uma cultura; já as que se surgem de baixo para cima, a partir de múltiplos pontos de partida, são arrastados para a cultura predominante se, de alguma forma, as indústrias midiáticas vislumbrarem nelas algum modo de lucrar. (JENKINS, 2008)

Esses meios de se comunicar, manifestados através do uso de tais TICs que permitem visibilidades, acenam para novos modos de construção de si, além da inscrição de novas formas de administrar o tempo e o espaço. No Twitter, a configuração dos recursos de publicação, as múltiplas articulações com outras ferramentas digitais que permitem a publicação de mensagens de formato curto (140 caracteres) e o incentivo pela freqüente atualização em tempo real conduzem os usuários a se concentrarem ainda mais na atividade de tornar públicos pensamentos, opiniões, acontecimentos, saberes, informações, dentre outros, de forma a “economizarem” tempo e aumentarem a produção de visibilidade. Configura-se uma cobertura mais atual, contínua e abrangente dos acontecimentos do que nos blogs, por exemplo. Uma “semi-ubiquidade” dos acontecimentos. “Nada mais é sagrado porque nada mais deve ser inviolável, é a caça à obscuridade, a tragédia provocada pelo desejo de luz levado a seu limite extremo”. (VIRILIO, 2002, p.58).

Por um lado, se praticada com a finalidade última de responder a pergunta “o que você está fazendo?” essa alta freqüência de atualizações pode conduzir a uma constante e contínua exposição de conteúdos e informações pessoais dos usuários que contribuirá para a ação e manipulação do campo de suas ações e escolhas possíveis. Conteúdos publicados dessa forma fornecem informações valiosas que permitem o delineamento de perfis, a partir dos quais se pode, através de simulação de comportamentos futuros, conduzir e controlar escolhas, a favor de interesses políticos e econômicos alheios. (BRUNO, 2008). Bruno (2008) afirma que até a década de 1970 a maior parte dos bancos de dados sobre indivíduos e coletividades era de domínio estrito dos Estados, constituindo um modelo centralizado, hierarquizado e exercido por figuras de autoridade científica e/ou administrativa. No entanto, atualmente o cenário se configura de forma bastante distinta e é possível ver o aumento exponencial dos bancos de dados, tanto públicos quanto privados, adquiridos através de políticas de visibilidade e vigilância, compondo um ramo de trocas de informações pessoais bastante lucrativo. (BRUNO, 2008)

Dentre as características determinantes deste novo cenário, destaca-se a preocupação com a relevância dos dados coletados. Torna-se assim, de suma importância a seleção dos dados mais significativos, que para Bruno (2008) são:

Dados comportamentais (comunicação, consumo, deslocamento, lazer), “transacionais” (uso de cartão de crédito e serviços, navegações de ambientes digitais), psicológicos (autodeclarações sobre personalidade, gostos), sociais (comunidades e amigos em ambientes digitais), entre outros. (BRUNO, 2008, p.171)

Para a autora, muitos destes dados só se tornaram ‘coletáveis’ de forma ampla e sistemática a partir da disseminação e incorporação de novas TIC’s no cotidiano (BRUNO, 2008). O advento do Twitter não se apresenta de forma diferente, já que atualmente é possível encontrar sites de livre acesso que possibilitam mapeamentos e registros das publicações realizadas no serviço de microblogging. O *tweetfel*, por exemplo, que faz buscas em tempo real de publicações relacionadas a sentimentos no Twitter, informando ainda uma porcentagem de publicações de sentimentos relacionados a tristezas e alegrias<sup>4</sup>. Ou ainda o *twistori*, que localiza em tempo real todas as publicações realizadas que contenham as palavras/verbos “love” (amor), “hate” (ódio), “think” (pensar), “believe” (acreditar), “feel” (sentir) e “wish” (desejar)<sup>5</sup>.

Por outro lado, esse ‘desejo de luz’ pode se manifestar de outras maneiras. Sob o registro de outra práxis. Manifestando modos de ser que estão em constante busca de independência diante dos consagrados modos de ver o mundo, dos pressupostos em que se assenta o saber e/ou de todo conhecimento que se apresenta como definitivo. (GRESPLAN, 2008).

Na atual cultura da convergência condutas ressonantes às descritas acima são marcadamente demandas, uma vez que o que está em jogo é justamente o compartilhamento de múltiplos conteúdos em detrimento a políticas de comunicação de mídias passivas e/ou corporativas, de cima par abaixo, que conduzem a atenção da grande massa para determinadas coisas, ao mesmo tempo em que promovem a distração da mesma para tantas outras. Essa política de compartilhamento permite e demanda uma “inteligência coletiva”, que para Levy (1998), trata-se de uma inteligência distribuída por toda parte, coordenada em tempo real, que conduz a uma mobilização efetiva de competências. Seu objetivo é criar um “além linguagem” tal que permita que a informação seja distribuída e coordenada por toda parte, que se integre a todas as atividades humanas e que volte às mãos de cada um, estabelecendo reconhecimentos e enriquecimentos mútuos entre as pessoas, implicando assim numa coletiva valorização técnica, econômica, jurídica e humana. Para o autor, monarquias midiáticas (coordenadas na televisão e no sistema de mídias), hierarquias burocráticas (fundadas na escrita estática) e redes internacionais da economia (telefone e tecnologias do tempo real) mobilizam e coordenam parcialmente a inteligência, a experiência, a sabedoria e a imaginação dos seres humanos. “É por isso que a invenção de novos procedimentos de pensamento e

---

<sup>4</sup> [www.tweetfeel.com](http://www.tweetfeel.com)

<sup>5</sup> [www.twistori.com](http://www.twistori.com)

negociação que possam fazer emergir verdadeiras *inteligências coletivas* se faz urgente.” (LEVY, 1998, p. 15)

Via internet, em um evento intitulado “Oficina de Remix - Cibercultura 10+10”<sup>6</sup>, Pierre Lévy (2009, 2 de outubro, 11:30) comentou sobre diversos usos do Twitter afirmando que freqüentemente recebe respostas em português a seus tweets postados em inglês. Nesse debate, o autor de *Cibercultura* disse ainda que há pouco tempo viveu uma situação singular usando o Twitter, que esboça novas possibilidades e rumos para o compartilhamento de conteúdos e o desenvolvimento da inteligência coletiva via redes sociais. Ao acessar um artigo através de um link postado por um usuário no Twitter, Levy percebeu que o conteúdo do artigo não correspondia ao conteúdo sucintamente descrito sobre este no tweet. O filósofo afirmou que tendo visto isso, replicou o tweet corrigindo o conteúdo da chamada (descrição sucinta do conteúdo do artigo a que o link conduzia), que a partir daquele momento passou a ter correspondência com o conteúdo do artigo.

Além desse, muitos outros exemplos de compartilhamento podem ser observados diariamente. Desde os mais pitorescos assuntos, até os mais densos temas filosóficos da contemporaneidade, o Twitter abriga e acolhe temas com múltiplas finalidades. Tais experiências expressam a efetiva participação, construção, compartilhamento e apontamento de conhecimentos, de uns para os outros, que se configura como a condição elementar de uma inteligência coletiva. Nessa perspectiva, o outro, assim como eu, ignora e domina alguns conhecimentos, e “pode aumentar meu potencial de ser, e tanto mais quanto mais se diferir de mim. Poderei associar minhas competências às suas, de tal modo que atuem melhor juntos do que separados”. (LÉVY, 1998, p.27).

Assim, independente de sua provisória posição social, cada um é para os outros uma oportunidade de aprendizado. Seja por meio de experiência de vida, percurso profissional praticas sociais etc., cada um pode oferecer recursos a uma comunidade. (LÉVY, 1998). No Twitter tais expedientes inscrevem o sujeito contemporâneo em novas dinâmicas de apropriação e uso de recursos e conteúdos que, por sua vez, imprimem novas velocidades para a vida cotidiana, caracterizando aqui outro aspecto relativo a gestões do espaço e do tempo. Em sua velocidade de compartilhamento de conteúdos, o serviço de microblogging permite, por exemplo, que os usuários se aproximem e se apropriem freqüentemente de novas tecnologias e ferramentas que estão em constante criação e desenvolvimento. A velocidade de

---

<sup>6</sup> <http://www.cpfcultura.com.br/aovivo/2009/09/29/oficina-de-remix/cibercultura-1010>

atualização, criação e desenvolvimento de recursos tecnológicos, virtuais ou não, para múltiplas finalidades, pode ser melhor acompanhada pelo Twitter, de tal maneira que os usuários que começam a usar ferramentas novas podem compartilhar e criar usos coletivos para estas, em tempo real, através de tweets, estabelecendo sistemáticas de disseminação de tecnologias que viabilizem ampla apropriação coletiva num curto período de tempo. A exemplo disso pode-se identificar tweets com links para ferramentas como *twitpic*, *twitphoto*, que permitem exclusivamente a publicação de fotos, inclusive pelo celular, iPhone, etc<sup>7</sup>. Ou ainda o *Qik*, ou o *twitvid*, que permitem postar vídeos, em tempo real, a partir de dispositivos móveis, ampliando a gama de possibilidades de ver, ser visto e fazer ver<sup>8</sup>.

Contudo, atrelada às suas manobras de uso, a velocidade do Twitter pode expressar também certo endosso a estratégias e processos que se caracterizam pela construção da temporalidade enquanto inovação e/ou transformação, onde o novo é supervalorizado por breves momentos, e em seguida descartado. (COHEN, 2001). Esta alta velocidade de inovação dificulta, dentre outras coisas, o acesso a publicações realizadas há mais tempo. Ainda que permita ver as atualizações já realizadas, seu formato conduz constantemente a atenção do usuário aos tweets do ultimo minuto, não oferecendo um formato que facilite a consulta de tweets realizados, por exemplo, no mês passado. “Cada informação recebida, produzida e transmitida cria uma temporalidade curta de contato sem jamais ser satisfeita. Essa circulação é uma forma de fazer contato, comunicar”. (LEMOS, 2008, p. 60).

Sibilia (2008) afirma que todas essas características refletem em nossa forma de perceber o tempo, desempenhando papéis decisivos na construção de si. Essa sensação de vivermos em um “presente inflado, congelado, onipresente e constantemente presentificado promove a vivência do instante e conspira contra as tentativas de dar sentido à duração”, à memória. (SIBILIA, 2008, p. 125).

Não se trata apenas de uma diminuição dos tamanhos e uma aceleração das velocidades. Claramente vinculada a essas contrições, a mutação é mais radical: envolve outras formas de vivenciar a própria temporalidade e novos modos de nos construirmos como sujeitos. (SIBILIA, 2008, p. 137).

Henri Bergson (1999) afirma que como a percepção, a memória é um processo que ocorre na duração. Para o filósofo a percepção consiste em uma espécie de contração do real, já que este presente real, o momento de que se fala, já foi, não é mais, de tal forma que cada

---

<sup>7</sup> <http://twitpic.com>

<sup>8</sup> <http://qik.com/video>

um sempre se posiciona diante de um presente que dura. Esse processo exige sempre um esforço da memória, sendo que esta, ao mesmo tempo que recobre com uma camada de lembranças passadas um fundo de percepção imediata, contrai uma multiplicidade de momentos, constituindo “a principal contribuição da consciência individual na percepção, o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas.” (BERGSON, 1999, p. 31).

Para Bergson (1999), na duração, nos posicionamos sempre diante da memória. Uma memória recente/contraída (presente, que acabou de ser, que já foi, que dura), e uma memória dilatada (orientada para o passado, duração de presentes que já aconteceram há mais tempo, camada de lembranças que recobre o fundo de percepções imediatas). Nesse sentido, o Twitter estabelece uma vivência temporal que conduz constantemente a atenção dos sujeitos para o presente, a memória recente, promovendo ao mesmo tempo a distração para a memória dilatada.

A memória é capaz de trazer à tona e atualizar todas aquelas vivências percebidas, mesmo que elas não estejam diretamente ligadas à ação presente. Mas o vigor desse passado rememorado na duração da própria experiência vital só poderá aumentar se o sujeito estiver inativo; ou seja, se forem escassas suas necessidades e seus interesses ligados à ação presente. (SIBILIA, 2008 p.126).

Alertando para a estruturação da memória e da temporalidade de hoje, experimentada de um modo diferente do que em outras épocas, Huyssen (2000) aponta para o papel das novas tecnologias como veículos para todas as formas de memórias. Nesse sentido o autor aponta para o uso político da memória, que vai hoje desde a mobilização de passados míticos para apoiar explicitamente, por exemplo, políticas chauvinistas ou fundamentalistas, até tentativas de criação de esferas públicas de memória “real” contra políticas de esquecimento, como acontece no Chile e na Argentina. “O real pode ser mitologizado tanto quanto o mítico pode engendrar fortes efeitos de realidade”. (HUYSSSEN, 2000, p. 16).

A mobilização de passados míticos para apoiar interesses político-econômicos atuais é uma estratégia de uso político da memória da qual determinados usos do Twitter podem contribuir. Se a vivência temporal proporcionada pelo microblog promove a distração de seus usuários para a memória de seu passado, memória dilatada, torna-se mais fácil (re)apresentá-la de forma distorcida, em favor de interesses político-econômicos. Contudo, o mesmo autor chama atenção para o fato que toda memória inevitavelmente depende do distanciamento e esquecimento, sendo justamente as duas coisas que vêm minar a sua pretensão de estabilidade e credibilidade, e que ao mesmo tempo garantem sua própria vitalidade. Para Huyssen (2000)

o fato de a memória poder ser contestada a partir de novas perspectivas e evidências seria uma de suas próprias forças constitutivas, que permite inclusive combater a crença e a ideologia de uma memória fundamentalmente pura, completa e transcendente.

Nessa perspectiva, todos nós temos nossos papéis neste processo, de tal maneira que a contestação de saberes, condutas, formas de ser, ver, ser visto e fazer ver, é hoje amplamente possibilitada e demandada no uso de tecnologias de informação e comunicação, sendo que os processos de produção de maneiras de ser, implicados no uso de microblogs, abrigam múltiplos vetores, que condicionam, inovam e imprimem formas de viver normativas e alternativas.

### **Considerações Finais**

O Twitter é uma ferramenta de comunicação e interação social que não pode ser tomado como elemento de um processo natural de desenvolvimento humano, científico e tecnológico; enquanto tal ele é uma criação que sustenta propostas e estabelece condições objetivas nas formas de se relacionar consigo e com o outro. Ainda que sua definição seja derivada de uma TIC precedente, a constituição dos microblogs não deve ser tomada simplesmente como um desdobramento ou evolução da estrutura de escrita e publicação dos blogs, como uma estratégia dialética de contradição a estes, ou como um movimento de substituição de todo um instrumental de comunicação, mas como uma ferramenta digital única que vem se agregar a essa ampla multiplicidade de recursos de comunicação, de produção de visibilidades etc, que a cada vez mais se interconectam permitindo fluxos de conteúdos nunca antes atingidos. É a adoção do paradigma do “e” em detrimento do “ou”. Microblogs-e-blogs-e-Orkut-e-MSN-e-Facebook-e-SMS-e... tendo cada um expedientes particulares que permitem a realização das tarefas de ver, ser visto e fazer ver de forma única.

Evidentemente sempre se correrá o risco de que algumas apropriações e usos dessas novas tecnologias promovam endossos a estratégias de manipulação do campo de ações e escolhas possíveis, de expropriação da vida através de processos político-econômicos etc.; contudo os recursos oferecidos por tais tecnologias permitem múltiplas usabilidades, embates, debates, gestões de espaço e tempo etc., conferindo a essas um caráter de instrumento hábil, permitindo a cada usuário realizar-se como lhe convir.

Aproximações das implicações e irreversibilidades dos usos do Twitter, bem como com os outros serviços a ele articulados, possibilitarão sempre novos mapeamentos de onde e

como estratégias políticas e econômicas de manipulação e produção de maneiras de ser e se relacionar operam no contemporâneo, bem como identificações de linhas de fuga, destacando políticas de uso que apresentem formas de resistência a tais estratégias de manipulação de modos de ser, relacionar e comunicar, a partir dos recursos discursivos e estéticos de tais ferramentas. “O que resiste é uma força que em vez de afetar e ser afetada por outras forças vai se auto-afetar. Esta auto-afecção é a dobra, auto-referente, auto-organizadora”, que poderá sempre catalisar procedimentos para uma inteligência coletiva (PARENTE, 2004, p.96). “As subjetividades que se revelam na investigação são os autores da nova realidade, os verdadeiros protagonistas da história.” (HARDT e NEGRI, 2005).

Por fim, em consonância com Lévy (1999), entende-se ainda que cada dispositivo de comunicação demanda análises pormenorizadas que remetem por sua vez à necessidade de cartografias ardilosas dos modos de comunicação. Para o autor, tais cartografias se tornam ainda mais urgentes já que cada vez mais questões políticas, culturais, estéticas, econômicas, sociais, educativas, dentre outras, estão condicionadas a configurações de comunicação.

### **Referências Bibliográficas**

**BERGSON, H.** Matéria e Memória. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

**BRUNO, F.** Monitoramento, Classificação e Controle nos Dispositivos de Vigilância Digital. Em: **ANTOUN, H.** WEB 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

**COHEN, M.** A Literatura Panorâmica e a Invenção dos Gêneros Cotidianos. Em: **CHARNEY, L.; SCHWARTZ, V. (Org.)** O cinema e a invenção da Vida Moderna. Tradução Regina Thompson. São Paulo: Ed. Cosac & Naifi, 2001.

**GRESPLAN, J. L. S.** Revolução Francesa e Iluminismo. São Paulo: Ed. Contexto, 2008.

**HARDT, M.; NEGRI, A.** Multidão: guerra e democracia na era do império. Rio de Janeiro: Record, 2004.

**HUYSSSEN, A.** Seduzidos pela Memória: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Ed. Aeroplano, 2000.

**JENKINS, H.** Cultura da Convergência. Tradução Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.

**LEMOS, A..** Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos dispositivos híbridos móveis de conexão multirrede (DHMCM). **Em: ANTOUN, H.. WEB 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.**

**LÉVY, P..** Cibercultura. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

**LÉVY, P. A Inteligência Coletiva: Por uma Antropologia do Ciberespaço.** São Paulo: Loyola, 1998.

**MÁXIMO, M. E..** Blogs: o eu encena, o eu em rede. Cotidiano, performance e reciprocidade nas redes sócio-técnicas. **Tese de doutorado defendida na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2006.**

**MEDINA, C. B.** Anas e Mias: subjetividade, corpo e cuidado nos *blogs* pró-ana e pró-mia. **Dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, 2008.**

**PARENTE, A. (Org.).** Enredando o pensamento: Redes de transformação e Subjetividade. **Em: Tramas da Rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre, RS: Sulina, 2004.**

**ROLNIK, S.** Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo. **Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2006.**

**SIBILIA, P.** O Show do Eu: A intimidade como espetáculo. **Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.**

**VIRILIO, P.** A Máquina de Visão. Tradução de Paulo Roberto Pires. **Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.**

**TRÄSEL, M.** O uso do microblog como ferramenta de interação da imprensa televisiva com o público. **Em: 6º Encontro da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2008, São Bernardo do Campo. Anais do 6º Encontro da SBPJor. São Bernardo do Campo: Umesp, 2008.**

**ZAGO, G. da S.** Dos Blogs aos Microblogs: Aspectos Históricos, Formatos e Características. **Em: VI Congresso Nacional de História da Mídia, 2008, Niterói, RJ. Anais do VI Congresso Nacional de História da Mídia, 2008. p. 1-15.**